



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração—Calçada do Centro, 88-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL

Enc. tel. 7. Tel. 7. Lisboa—Telefones?

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Os amigos da Ordem...

A ninguém é fácil afirmar que seja por carência de leis e de decretos que o difícil problema da carestia da vida esteja ainda por resolver.

Parece até que essa tem sido uma das razões que têm contribuído para cada vez mais o complicar; tem-se legislado à aventura para conter de momento os protestos da população, não se aprofundando as origens naturais e especialmente as artificiais do constante aumento do custo da vida, porque isso iria bulir nos interesses reconhecidos e ilícitos de poderosos gentes, para cujos crimes as leis existentes seriam de benévolo castigo, pois os resultados da sua perversa e perniciosa acção são altamente atentatórios da vida da população do país.

E como não se quer, ou melhor, não se pode dentro da actual organização burguesa da sociedade, atacar profundamente a questão, vá de legislar para calar as queixas populares e de fuzilar aqueles que recalitraram.

Toda a gente, a população, em péso do país ergue a sua voz indignada contra os assombrosos e contra aqueles que na ansia feroz de acumular riquezas, tornam horrorosamente difícil a vida do povo.

O mais interessante do caso é que, examinando-se superficialmente o enorme barulho que o problema da vida

carra provoca, concluir-se-ia que ninguém tem a responsabilidade de que assim suceda, pois desde o mais ínfimo ferro-velho ao mais poderoso argentário todos protestam em alta grita contra os infames assombrosos que tornam a vida um verdadeiro inferno, naturalmente no intuito de afastarem de si as tremendas responsabilidades de serem os únicos causadores do agravamento do custo da vida, porque se não fôra a sua desumana avarice, a sua maldade e criminosa acção de se aproveitarem das dificuldades económicas do país, para conseguirem fortunas que lhes permitam uma vida de desafortados esbanjamentos, a situação angustiosa da sua população não seria tão grave nem os justos protestos desta tomariam o carácter de violência que tem manifestado, violência que se vai intensificando cada vez mais, ganhando já as classes mais refractárias às lutas sociais, o bem demonstra para quem quiser ver sem parti pris, que a origem de toda esta amotinação que vai pelo país reside na daninha acção dos traficantes da finança, da agricultura, da indústria e do comércio que, cada vez que sobre um novo governo às cadeiras do poder, correm pressurosos a oferecer o seu patriótico e incondicional apoio contra os discursos e os meneurs, rótulos que eles, acostumados como estão a etiquetar falsamente os produtos, põem naqueles que tem a audácia de lutar pela liberdade e pelo bem estar do povo a que pertencem.

Junte-se a toda essa devastadora rapinagem o resultado do procedimento dos politécnicos, que só cuidam servir-se e às suas clientelas políticas, e o quadro

da pavorosa situação do país fica completo. Parece que nas esferas das classes predominantes existe a senha de *comer enquanto o tempo*, daí que o país esteja a saque, no dizer de um dos políticos mais cotados.

As chamadas forças vivas, que tem cumprido à risca o seu programa de viver à custa do povo trabalhador, continuam na sua atitude de fazer o mal e a carminha, atribuindo ao operariado as responsabilidades duma situação que só na ambição e na maldade que elas patenteiam tem origem.

Como um criminoso que não pode fugir à tãra que o arrasta a cometer as maiores infâmias, os gananciosos assombrosos continuam na sua senda de mercadejar vilmente, com uma ausência de escrúpulos e uma hipocrisia verdadeiramente assombrosas.

Reedifou o actual governo as estafadas medidas já postas em vigor por outros ministérios, mas cuja aplicação os mesmos fingiram esquecer ou tiveram de anular ante a resistência oferecida por aqueles a quem elas visavam, e prontamente os que medram à custa da carestia da vida deram sinal de si, fazendo desaparecer os géneros que estavam sujeitos a uma tabela ainda bastante elevada.

E o povo consumidor que protesta contra tam baixas manobras e nós que aqui nos fazemos eco da sua justificada revolta é que somos os desordeiros, aqueles que não trepidam em originar a falsa escassez dos produtos, amotinando o povo faminto, esses é que são os amigos da ordem.

Amigos da ordem, da pátria e da República são aqueles que, zombando das ameaças do governo, que só sabe efectivar-las contra os explorados, especulam desenfreadamente com a situação, condenando à fome desesperada a multidão dos que trabalham; esses não são os perturbadores da ordem, os que verdadeiramente concorrem para a agitação que lava nos espíritos.

Amigos da ordem, da pátria e da República são aqueles que velhacamente afirmam num dia acatar respeitosa e as medidas do governo, dizendo-se dispostos a sacrificarem-se pela salvação da pátria, e no dia seguinte negam com factos essa refalsada declaração, fazendo desaparecer os géneros de primeira necessidade.

Não precisamos forçar a nota. Quem tiver a consciência limpa, aqueles que não pertençam à quadrilha de salteadores que do assombroamento e do aumento do custo da vida fez um criminoso modo de vida, digam onde estão os únicos provocadores da desordem, se entre os que vendem por grosso e a retalho ou entre os que, fartos de ser roubados e envenenados por mil e uma forma, lançam mão da greve para de algum modo conseguirem fazer face aos ataques de tais bandeoleiros que, apoiados na força armada, querem sugar até à última gota o sangue do povo português.

Ainda a greve do funcionalismo

Em vários serviços públicos pretende-se sofismar o decreto da "ajuda de custo"

Recebemos a seguinte carta, cuja publicação nos é pedida:

Sabemos que, em várias repartições públicas, os respectivos chefes de serviço pretendem sofismar a lei ultimamente publicada pelo governo que concede uma ajuda de custo aos funcionários do Estado. Entre essas repartições está, segundo nos informam, a Provedoria da Assistência, em que o provedor e alguns directores de asilos se comprometem a fazer a maioria do pessoal.

Com o fundamento errôneo de que os contratuados não são funcionários, apesar de todos eles terem o seu diploma de funções públicas, não se quer incluir aqueles servidores do Estado no número dos abrangidos pela lei, tanto mais injusto quanto é certo que os contratuados já o governo reconheceu como funcionários públicos e os incluiu na lei que concedeu a anterior subvenção de 15 escudos.

O comité do funcionalismo vai tratar com urgência do caso, visto ele estar em jogo com a honestidade com que se pretende resolver a última greve, em que o governo prometeu que se lhe abrangiria todos os funcionários que já tinham a anterior subvenção e tais eram os desejos do comité.

Um livro sobre a greve

O nosso amigo e distinto arqueólogo Nogueira de Brito está trabalhando num livro sobre a recente greve do funcionalismo público. Livro que está sendo aguardado com o maior interesse.

Funcionários administrativos

Uma comissão de funcionários administrativos, composta pelos administradores, secretários e um amanuense de cada bairro de Lisboa, procurou ontem o presidente do ministério, a fim de pedir que aos mesmos funcionários seja extensivo o decreto que concede ao funcionalismo a ajuda de custo de vida. O sr. Baptista prometeu occupar-se do assunto.

Trabalhadores: Lede e prop. gai A BATALHA.

Operário: Se não foste ainda ao teu sindicato contribuir para a "Casa dos Trabalhadores", não te demores em fazê-lo

TRIBUNA FEMININA

Crianças

Um raio de sol brincava nas cortinas de renda e tulle do gracioso berço onde de Clarinha dormia.

Emquanto vigiava o sono da criança, a velha Joana, sentada junto do berço, fazia girar as agulhas de meia nos seus dedos grossos de trabalhadora incansável; e no regaço dela, o formoso "Tigre", dormia com um rom-rom contínuo e um arripiado de voluptuosidade no pelo farto e sedoso.

Do corredor vieram ruídos de vozes, de risos subitamente abafados; e a porta abriu-se cautelosamente para dar entrada a Gabriela, que na ponta dos pés e com um dedo sobre os lábios, se dirigiu para o berço, seguida de duas amigas.

Joana, sacudindo bruscamente o "Tigre", que saltou para o chão miando enfadado, ergueu-se respeitosamente, mas no seu rosto enrugado não havia a simpática expressão habitual nem os seus lábios sorrisos que sempre tinha para Gabriela, que ela criara aos seus peitos.

Mas é que a boa velha, no apertado egoísmo sob o qual se revelava o seu amor àquela casa, detestava quasi todas as amigas da sua menina. Um arrebicadas, umas tolas—pensava—uns maffaricos que lá haviam de perder.

A mãe-abria de mansinho as cortinas do berço e inclinou-se para beijar a pequenina cujo rosto, emoldurado nos mecos castanhos do cabelo, era todo cor de rosa.

As amigas extasiaram-se:

—Ahi é um amor!

—Um apeteite!

—Um "bijoar"...

Gabriela, correndo delicada, ia cerrar de novo, como que a custo, os cortinados, quando Clarinha fez um movimento com a cabeçita, agitou os braços e abriu os olhos...

—Uns olhos azuis, pedacinhos de céu immaculado.

E enquanto Joana grazinha um: "Pronto, já m'a acordaram, vai ficar rubugenta todo o santo dia", a mãe tirava a pequenina do berço e punha-a de pé, sobre o tapete, a fim de que as amigas a vissem fazer o "tem-tem".

A criança, rindo e tremendo, lá se ia agitando nas perninhas d'elá de onze meses, procurando equilibrar-se, dar um passinho, animada pelas carícias.

Depois passou de colo para colo, satisfazendo o orgulho da mãe com as mil graçinhas de bebé prodígio, fazendo rir, provocando exclamações de surpresa.

—Como é interessante!

—Parece ter três anos... é extraordinário!

—Sim, na verdade é muito precoce, muito inteligente, concordava Gabriela.

A noite d'esse dia passou-a a criança muito inquieta, em sobressalto, febril. A mãe estava assustadíssima e interrogava Joana sem cessar:

—O' Joana, que pensas tu d'isto? Se não novos dentinhos? Ainda esta tarde estava tão alegre, tão engraçada...

Joana, com a criança nos braços, calava-se. E Gabriela nervosa, continuou:

—Talvez se tivesse constipado... alguma corrente de ar. E o leite estaria mal fervido!

Bruscamente, a velha interrompeu-a, doendo-lhe a injustiça:

—Há vinte e cinco anos que sou criada de crianças, começando a minha vida por ser sua ama. Sua mãezinha, que Deus haja, nunca teve razão de queixa, e agora ainda não estou tam tonta que não saiba ferver leite. Olhe, acorde as amigas, mas não se devem acordar as crianças não se para fazer o desejo de qualquer.

«Acordaram-na e ainda depois esteve a pobresinha mais duas horas a divertir as visitas, a servir de palhaço...

Ahi, boa Joana, pode ser que o inco-modo de Clarinha tivesse tido outra causa. Mas é possível, sem dúvida, que a tua mal humorada resposta houvesse razão de ser. Como as tuas palavras de ignorante encerram uma grande e profunda verdade!

MARIA.

A comédia das baratezas

Dizer-nos que uma comissão de pequenos agricultores de Odivelas esteve ontem nos pargos do conselho solicitando providências para o facto de, devido ao último decreto sobre o leite, os indivíduos que compram aquele gado para o trazerem para Lisboa, terem deixado de fazer tal aquisição, o que dava o resultado de deteriorar-se o leite, com prejuizo do povo de Lisboa e dos agricultores reclamantes.

Uma comissão falou com os srs. dr. Alberto Vidal, presidente da comissão executiva e com o vereador sr. Sousa Neves, os quais declararam que o ministro da agricultura tencionava modificar o decreto e por isso deveriam os reclamantes aguardar a resolução do assunto até amanhã.

Ora essa!... Suas excelências não tem mais que ordenar! Modifica-se, pois, está visto, o governo não teve nem ao de leve o intuito de lesar os interesses das "forças vivas" do país, mas simplesmente mostrar que era capaz de... deixar tudo na mesma, para não fazer asneira maior.

Música celestial

O ministro da agricultura fez saber, em circular, à guarda fiscal e aos caminhos de ferro do Estado e particularmente, que está proibida a saída de géneros alimentícios para fora de Lisboa, sem autorização superior.

Estamos daqui a ver o resultado das... energias medidas do governo.

O QUE SE VÊ E O QUE SE OUVÊ

TEM QUE SER!

A voz da intuição popular é a síntese das verdades

Eis-me coligindo impressões notadas à hora que passa, hora angustiosa e trágica, em que o assassinato é a resposta oferecida aos que gritam a sua fome, o seu roubo e o seu infamíssimo envenenamento.

Escrevo pelo desejo de espalhar a náusea provocada pela abjeção da imprensa burguesa, que, venalizando-se às mais tenebrosas chantagens, vem por fim incitar as autoridades à chacina das suas vítimas, desprezivelmente ludibriadas.

O ambiente está carregado em demasia. Asfixia-se. A angústia sobre, sobre sempre, serpeando entre contrastes violentos de miséria e luxo, prazer e fome, perseguição e culpabilidade.

A dúvida perturba as consciências, a ansiedade precipita as circunstâncias, e todos os sentimentos, todas as concepções, pervertem-se, obliteram-se. Transviados, os pensamentos chocam-se, avolumam-se, e ainda mais sofrem a pressão que os perturba. Enervados e opressos, ganham maior poder de impulsão. Sacode-os uma irremediável ansia de expansibilidade, de ruído, de movimento, um destes nervóticos estados colectivos que findam sempre por gesticações fortes, por acções violentas e que, não efectivadas, imobilizadas, em permanente estado de explosão, adquirem uma surpreendente atracção de vontades, uma fusão de queixas dispersas, que é toda a psicologia do proselitismo revolucionário.

E bem assim.

De um modo geral, tem-se nitidamente a sensação de uma derrocada prestes, de uma colisão iminente, de algo enfim que incita a grandes atitudes, a energias sacrificiais, a combates definitivos.

Em toda esta táctica marcha para um fim, determinado mais pelo instinto do que pela razão, o que é surpreendente, o que se nota a cada passo, saindo de pequenos detalhes, é o ar de nobre sacri-fício ante um facto a dar-se, cujo fim não se sabe bem o que venha a ser, mas em que há uma certeza indefectível da sua aproximação.

Essa certeza, tenho-o observado, não será concreta, mas é sensível.

Actuando em todos os corações, ela se concretizará, numa simultaneidade que todos ansiosamente aguardam, ou provocam.

Ela corresponde a uma necessidade urgente, a um estado de espírito que é a alma da hora que atravessamos. Sentem-na até as mais escassas inteligências. Demonstram-no pequeninos detalhes. Essa grande, essa inabastável certeza, é já um arrimo para os desgraçados, que mais sentem a demora do momento da justiça e da restituição.

Quantas rebeldias bravas, quantos desforços evitados, com a simples leitura de um telegrama, fálha quasi em cinza, do vulcão do Oriente?

«Quantas indignações desesperadas de quem já não teme as consequências, de quem já não tem a perder não foram até aqui evitadas, com estas frases apenas:

—Deixa-o lá!... Espere mais uns tempos... Assim ía-lhe desgracia, depois não vias...

Ahi!... Este não vias, este não vias!... Está n'le todo o sonho latente nas almas simples, humilhadas, esmeadas de amor e de justiça. Funde-se n'le toda a alquimia de instintos e sentimentos, que é toda a intimidade do espírito religioso.

—Tem que ser!... Tem que ser!...

Aqui ficam as notas obtidas. Se aproveitarem a alguma, é que esse alguém soube interpretar as desprezadas vantagens da prudência.

Aos indiferentes direi—porque não dizer se eles nada vêem!—que aquele velhote, o meigo e feroz Vicente, é todo o povo bom e espoliado, é todo o povo submisso a quem envenenam os filhos, prendem os pais ou matam os irmãos.

Eduardo FRIAS

União dos Sindicatos Operários

Este organismo, que continua em sessão permanente e que tem efectuado regularmente as suas reuniões, a despeito da sua sede se encontrar encerrada à ordem de ditadores de pacotilha, tem em vias de conclusão os seus trabalhos respeitantes ao momento que passa.

Constatou que a moção demandada deste organismo já tem sido sancionada por muitos sindicatos, entre eles os que tem as suas sedes encerradas, provando-se assim que a classe operária está vigilante, como sempre, desde que a pretendem atingir, no que demonstra firmeza e coesão.

Constatou também que, de harmonia com anteriores resoluções, as direcções sindicais se conservam em sessão permanente e, portanto, identificadas com os trabalhos que este organismo tem realizado.

Registou o facto da apreensão dos jornais que não estão dispostos a subordinarem-se às ordens trimeiras e que pretendem amordacar a liberdade de pensamento, chamando para o facto a atenção do proletariado que não deve consentir que o seu legítimo órgão na imprensa A Batalha sossobre no meio deste ambiente terrorista com todas as características do período sidonista de negregada memória.

Tribunal de árbitros avindores

Um grupo de operários que tem processos pendentes deste tribunal, diz-nos que ele continua sem funcionar por ainda não estar nomeado o juiz presidente, o que está prejudicando perto de duzentos e trinta indivíduos que tem as suas queixas sem andamento.

Reclamam eles que o ministro do trabalho ou a quem compete fazer a respectiva nomeação a fim de que o dito tribunal possa funcionar.

Segundo o boletim de sanidade interna, apresentado na última sessão do conselho superior de higiene, da semana finda, em 21 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 70 casos de difteria, 1 de febre tifoide, 1 de meningite, 8 de sarampo e 2 de varíola.

OS ATAQUES DO PODER

A BATALHA novamente apreendida

Mais uma vez foi ontem A Batalha apreendida à ordem do coronel ou do seu alter ego, o grande Liberato, que dispondo de bel talante da guarda republicana, pretende também dispor do país, ao qual pretende impor-se.

Há o propósito de amordacar aquela imprensa que se não coloca de cócoras perante os governantes, e que tem a independência necessária para claramente verberar os crimes da guarda republicana. E como no número dos jornais que em tais disposições se encontram figura A Batalha, o coronel, que não tem a coragem suficiente para abruptamente suprimir este jornal, como é seu desejo, manda-o apreender, esperando que, servindo-se de meio tam indigno, conseguirá o seu objectivo: fazer desaparecer A Batalha.

Resistiremos às arbitrariedades dos que mandam hoje com a mesma tenacidade com que resistimos aos ataques dos anteriores detentores do poder. E se formos esmagados, as instituições que toleram à sua frente uma criatura da envergadura mental do coronel, perderão certamente mais que as instituições operárias, que este jornal defende com ardor, mas também com honestidade.

EM FACE DO PATRONATO

Corporações em luta

Construção civil

Depois de 14 dias de luta, mantêm-se, com uma solidariedade verdadeiramente admirável, a greve dos nossos camaradas da construção civil, que mais uma vez afirmam a sua tenacidade e coesão na luta contra o patronato explorador.

Dadas as péssimas condições económicas que atravessamos e o grande número de operários que trabalham nessa indústria, é notável a firmeza que anima os grevistas, o que prova a evidência que só uma razão poderosa, como é a necessidade de reclamar aumento de salário para fazer face à carestia da vida, deu origem à explosão do conflito, pois que só se recorre à greve quando se esgotam todos os outros meios para obter uma melhoria de situação.

O patronato e os governantes é que lutam por capricho estúpido e criminoso, pois a exploração que tem exercido sobre os trabalhadores e a força armada de que dispõe, lhes permite manifestar-lhe e mantê-lo.

As greves custam sempre muitos sacrificios ao operariado, que se lança nelas para evitar sacrificios maiores.

Opondo-se aos maneios dos proprietários

Dissemos anteontem que os operários da construção civil, actualmente em greve, teriam as suas reclamações atendidas se se prestassem a consentir, como pretende a Associação dos Proprietários, na modificação da lei do inquilinato, lei que aquele sindicato patronal almeja ver remodelada para fazer incidir sobre o inquilinato uma exploração ainda maior que a presente. A tais propósitos se opõe com energia a organização da construção civil, conforme se conclui do manifesto que a seguir publicamos e que anteontem foi distribuído profundamente distribuído pelo Sindicato Único da Construção Civil:

Estão os operários da construção civil em greve. Sabeis o que querem? Porque lutam? Por um salário que seja compatível com as mais urgentes necessidades.

Pois não? Os proprietários querem jogar com o nosso movimento para aumentar as rendas das casas; está, pois, aliciada contra os abutres!

Nós não lhes fazemos o jogo. Davam-nos o aumento se peticuássemos com a infância, mas isso nunca. Não queremos porque isso seria uma indignidade!

Povo: Colocante pois a nossa luta contra todos os ladrões da nossa bolsa. Queremos o aumento que pedimos, porque não podemos viver com os exíguos salários que temos.

O principal responsável desta situação é o conselho reaccionário Carvalho e Silva. É ele que quer, pode e manda; é ele que pretende, em nome da Associação dos Proprietários, como seu presidente crônico, fazer o aumento dos predios construídos há cem e duzentos anos.

Cautela, pois, povo! Vê quem são os teus inimigos.

Nas secções de Lisboa e arredores

Nos arredores de Lisboa, continua sem desfalecimentos a greve dos operários da construção civil, estando o comité central em contacto com os comités locais, dos quais tem recebido as mais animadoras notícias, de onde se conclui que já mais se voltará ao trabalho, enquanto não forem atendidas as reclamações formuladas.

CASCAIS.—O movimento corre na melhor ordem; aguardamos as resoluções do comité central e só por sua ordem expressa retomaremos o trabalho.

Protestamos contra a apreensão do nosso diário A Batalha. Fora os despois! Viva a greve!—O comité local.

PARADE.—Continuamos com o entusiasmo do primeiro dia. Apesar de já há catorze dias termos largado o trabalho, não se nota uma defecção. Sem

pre firmes e a postos! Abaixo os opressores do povo! Viva a greve da construção civil!—O comité local.

TIRES.—Nem um defeccionista nesta localidade. O moral dos operários é excelente, decorrendo as sessões, que são muitas concorridas, representando-se largamente o elemento feminino, manifestando todos o maior entusiasmo.

Protestamos contra as violências do Baptista. Fora o poltrão! Viva a greve geral!—O comité local.

OEIRAS.—Já mais retomaremos o trabalho, enquanto justiça nos não for feita. Queremos mais pão!

Encolhei as garras abutres, delapidadores dos cofres públicos, exploradores do trabalho alheio! Fora os tiranos! Viva A Batalha! Viva a greve!—O comité local.

LINDA-A-PASTORA.—Firmeza e coragem não falta nestam localidade. Dispostos a todos os sacrificios, mas havemos de sair vitoriosos desta luta desesperada. Já mais as perseguições nos intimidaram, porque a razão está do nosso lado. Viva a greve geral da construção civil!—O comité local.

BEATO E OLIVAIS.—Continua cheio de maior entusiasmo o operariado desta localidade, não transgindo de forma alguma nas reclamações feitas pela F. C. C., apesar dos boateiros, que, armados em polícias de segurança do Estado, querem ludibriar-nos, e de aqui já terem chegado as perseguições do governo.

Portanto, camaradas, não desanime porque a vitória aproxima-se!

Viva a greve da F. C. C.—O comité local.

AMADORA.—Sempre firmes na luta, enquanto um átomo de vida possuímos. Todos animadíssimos e certos de que a vitória será um facto, ainda que muito pesse ao Baptista e aos seus impedidos.

Protestamos contra a prisão dos nossos camaradas. Viva a greve!—O comité local.

SINTRA.—Lutando procuramos vencer os nossos verdugos. Fomos forçados a largar o trabalho, para que nós dessem mais uma fatia de pão; há 14 dias e ainda assim negam-nos! Procuram vencer-nos pela fome! Enganam-se!

Já mais retomaremos o trabalho, enquanto não nos derem o que reclamamos, e enquanto tivermos vida, gritaremos: Abaixo os exploradores! Viva a greve da construção civil!—O comité local.

MONTE LAVAR.—Nesta região continua tudo paralisado, como no primeiro dia de greve. O moral dos nossos camaradas é ótimo, não se encontram de um amarello sequer. Nunca se fez uma paralização tão completa.

Sem sido severamente comentada a atitude do governo para com as classes em greve, que procura esmagar pelas patas dos cavalos.

Por nossa parte, secundaremos o movimento até à última, sem temer perseguições. Coragem, pois, camaradas! Avante e sempre avante! Viva a greve!—O comité local.

ALMADA.—Lutamos, porque lutar é viver! Queremos pão e já mais retomaremos trabalho, sem que nos seja garantido o direito à vida.

Exploradores, abri as vossas burras cheias de ouro, roubado aos trabalhadores. Vamos enquanto tempo! Amanhã pode ser já tarde! Viva a greve geral da indústria!—O comité local.

SEIXAL.—Firmes e encorajados para vencer. Guardamos ordem do comité central para retomar o trabalho e enquanto ela não chegar, continuaremos sempre firmes no nosso posto de combate contra a burguesia crapulosa. Avante, pois, camaradas! Afirmar a vos-

Feijão branco inglês
de muito boa qualidade ao preço de
\$20 o litro ou \$25 o quilo
Vende-se nos armazéns de
Francisco Ferreira & Mota, Limitada
77—RUA DA MOEDA—83
COIMBRA

na vitalidade e sede solidários! Viva a nossa greve! — **O comitê local.**

Nota oficiosa
Com a maior alegria constatamos a firmeza de todos os camaradas em greve, para ficarem mais um pouco de pão com a fome, para não serem insubmissíveis. Assim, assim a punição da greve, rebeldia contra uma sociedade que pretende matar pela fome aqueles que, pelo esforço do seu braço, tem construído todas as maravilhas que gozamos tantos parias, que senhores do mundo, se negam a atender as nossas mais justas pretensões.

...mas breve-temos essa esperança — nós derruímos esta sociedade, defendendo e hipocrita, substituindo-a por uma outra onde reine a paz e a harmonia, a felicidade e o amor.

Vamos, pois, camaradas e amigos, mais um pouco de esforço e seremos vencedores. Este comitê oferece o sacrifício que nós fazemos, para resistir nesta luta desigual. São 14 dias sem que em nossas casas tenham entrado alguns cobres, com que possamos comprar o sustento para nossas famílias e nossos filhos queridos, esses pedágios da nossa carne, esse sangue do nosso sangue, a quem muito amamos, a quem muito queremos e por quem somos sempre capazes de sacrificar a nossa vida.

Sabe o comitê o que são esses sacrifícios, porque eles passam também por todos os seus membros — com uma agravante — e todos os camaradas, desde o dia em que abraçamos a greve, até o dia em que andamos a monte, hoje aqui, amanhã acolá, fugindo das garras da polícia como se fosse a fumaça, tudo para um único interesse: o de levar a bom termo o movimento em que todos estamos empenhados.

Temos a certeza que não vos deixaremos iludir por aqueles que dizem que nós somos desordeiros e agitadores, porque nós, amigos, sabemos muito bem quem somos, pois que trabalhamos a nosso lado.

Somos homens que não temos as ameaças nem as perseguições, homens que enfrentamos o perigo, para alcançarmos a vitória das nossas reivindicações.

Sabeis, pois, amigos, qual é viver! Viva a greve geral da construção civil! — **O comitê central.**

Última hora
Este comitê foi informado de que há negociações tendentes a solucionar o conflito ainda esta semana.

Coragem, camaradas! — **O comitê central.**

Em Tomar
Os operários da construção civil em luta

Logo que na Associação Mixta desta localidade houve conhecimento do ofício da Federação da Construção Civil de Lisboa, resolvido foi em assembleia, para esse fim convocada, reclamarmos dos mestres de obras de Tomar, o aumento de salário para todo o operário da construção civil.

Não responderam aqueles aos ofícios enviados pela associação, motivo por que a greve foi declarada no dia 16, estando toda a classe disposta a não retomar o trabalho, enquanto não forem satisfeitas as suas reivindicações.

Acha-se constituída uma comissão composta de carpinteiros, pedreiros e serventes, para tratar de quaisquer negociações.

A Associação Mixta já respondeu ao ofício enviado pela Federação, tendo resolvido oficial-lhe novamente.

Metalúrgicos
Prossigam, sem defecções, a greve geral das classes metalúrgicas, não havendo, até agora, nenhum facto desagradável que viesse modificar a marcha do movimento.

Em todas as áreas das secções sindicais também continua sendo geral o movimento, motivo por que julgamos ser completa a vitória para esta classe, apesar da má vontade dos industriais em resolver este conflito.

Por informações do comitê central, sabemos positivamente que o ministro do interior autorizou que a classe metalúrgica reúna hoje, pelas 12 horas, na Caixa Económica Operária, para apreciar a resposta da Associação Industrial às reclamações formuladas pelo Sindicato Unico das Classes Metalúrgicas.

A esta reunião deverão concorrer todos os metalúrgicos da área Central, Belem, Póço do Bispo, Palma e Arredores e mais secções do mesmo sindicato.

Na Central Tejo continua em greve o pessoal metalúrgico. Na Boa Vista, também em nada se modificou a atitude do pessoal metalúrgico, continuando, portanto, em greve.

A Companhia dos Tabacos, apesar de há cerca de dois meses se encontrar em greve o pessoal metalúrgico, ainda não modificou a sua atitude de intransigência, declarando o presidente do Conselho de Administração à comissão de demarques que daria tudo que a Associação Industrial desse à classe metalúrgica.

E' digna, pois, de registro, a atitude que até agora tem mantido esta classe, há 19 dias em greve, tempo mais que suficiente para que os industriais tivessem resolvido o conflito.

Nas secções de Lisboa e arredores
PALMA E ARREDORES. — Apesar de se encontrar fechada a nossa secção, continua sendo inalterável o moral da classe.

Viva a greve geral metalúrgica! — **O comitê local.**

ALMADA. — Continua sendo admirável o moral da classe metalúrgica, aguardando resoluções do comitê central. Viva a greve geral! — **O comitê local.**

POÇO DO BISPO. — Em nada se alterou a situação da greve metalúrgica nesta área, continuando toda a classe esperando na vitória final, aguardando as resoluções do comitê central. Viva a greve geral! — **O comitê local.**

OIRAS. — Na área desta secção em nada se modificou o moral da classe. Esta está indignada com a atitude do governo perante a greve das classes metalúrgicas. Viva a Solidariedade Operária! — **O comitê local.**

fundamente, a ineficiência dos seus esforços para a solução do conflito telegrafista postal, mereça da classe telegrafista postal, os seus caprichos ao bem-estar de seus concidadãos, terminando o por o choro e a lágrima, e os seus administradores a convidar, por intimação pessoal ou por meio de edital, mais uma vez os empregados dos correios e telegrafistas a voltarem às suas ocupações habituais. No caso contrário, devem aquelas autoridades superiores levantar um auto de abandono de emprego e enviar-lo para o respectivo ministério.

Esta medida de fraqueza governamental provocou o riso da multidão que se aglomerou à porta do edifício telegrafista postal, publico que os editais frequentes que se recebem nos telegrafos-postais. Sendo estes editais emitidos na sua quase totalidade, sem se comprarem pressões, mas contra um intuito a retomar o serviço, tanto mais que a normalidade é um facto nos correios e telegrafos, e tanto assim que uma dúzia de policiais andam com os seus canis, os seus cães, em estado de alerta, os seus cães, em estado de alerta, os seus cães, em estado de alerta.

Respeitando, porém, as coisas da mão, as violências estão a principiar, principalmente nos arredores, onde os encargados das estações têm sido expulsos das casas das suas famílias e a mobilidade. No Alentejo estão presos alguns telegrafistas, entre eles, um, acusado de sabotar os fios, outro de distribuir um manifesto aos telegrafistas, e um terceiro, acusado de Lisboa, preso na ocasião, em que assistia a uma conferência do ex-ministro do trabalho Dias da Silva.

— Participa-nos o amigo de A Batalha José Gomes Pereira que a polícia vem de fazer uma visita ao seu estabelecimento do Casal Ventoso, a qual Maria Pia, não para comprar qualquer suculenta ou trapaço, mas passando uma busca a todas as dependências do estabelecimento. Como a polícia não encontrasse a hidra, e para apresentar produção, levou preso um empregado do estabelecimento. Ela lá sabe porquê e para quê.

— No dia 23, foi preso na rua do Sol, sem que a tal tivesse dado motivo, o operário pedreiro, Vicente Maia de Carvalho.

— Já saiu do forte de Monsanto, o operário pintor António Oliveira Carvalho.

— Vai-se estendendo a todos os pontos do país, a horda governamental de prender o elemento operário, principalmente a sua parte mais activa.

Administradores de concelhos, regedores, etc., todos se prosternam perante a omnipotência baptista, acatando-lhe as ordens mais disparatadas, as violências mais odiosas.

Assim, acaba de ser preso em Almeirim o operário António Nunes Cunha. Interrogado o administrador de Alpiça, sobre o motivo da referida prisão, a sua resposta foi esta: «por ordem vinda de Lisboa», acrescentando que igualmente lá se preso um outro operário, Manuel Farroupo da Costa, por ter distribuído uns manifestos que levava desta cidade, sobre a greve da construção civil.

O mais interessante é que o referido administrador, ao ter conhecimento de que o operário rural de Alpiça, lá reinha para protestar contra as condições das prisões, declarou não permitir esse protesto, visto os presos não pertencerem à referida classe.

Regime puro, completo, da mordida!

ALMADA, 25. — Continuam a manifestar-se as perseguições aos elementos operários. O dia 23, foi preso, na rua do Sol, um operário, José Aires, que foi enviado para Lisboa, estando preparadas novas prisões de diversos camaradas, que se viram obrigados a abandonar o trabalho.

O que aqui se está passando, outra coisa não representa, senão o desejo de um administrador Pimenta, com o intuito de provocar a desordem, para mais à vontade poder pôr em prática novas e íntimas pressões contra os seus elementos mais activos.

O que dizemos ao sr. Pimenta, é que se lembre das fúrias do passado, que são bem de molde a justificar o velho adágio: «quem semeia ventos, colhe tempestades».

As classes gráficas em fare dos últimos acontecimentos
Com numerosa concorrencia de camaradas, reuniram terça-feira, na sede da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, as classes filiadas nesse organismo proletário, para apreciar a situação da greve na nossa jornal, para protestar contra as perseguições que vêm sendo cometidas contra a organização sindicalista.

O que aqui se está passando, outra coisa não representa, senão o desejo de um administrador Pimenta, com o intuito de provocar a desordem, para mais à vontade poder pôr em prática novas e íntimas pressões contra os seus elementos mais activos.

O que dizemos ao sr. Pimenta, é que se lembre das fúrias do passado, que são bem de molde a justificar o velho adágio: «quem semeia ventos, colhe tempestades».

ALMADA, 25. — Continuam a manifestar-se as perseguições aos elementos operários. O dia 23, foi preso, na rua do Sol, um operário, José Aires, que foi enviado para Lisboa, estando preparadas novas prisões de diversos camaradas, que se viram obrigados a abandonar o trabalho.

O que aqui se está passando, outra coisa não representa, senão o desejo de um administrador Pimenta, com o intuito de provocar a desordem, para mais à vontade poder pôr em prática novas e íntimas pressões contra os seus elementos mais activos.

A Batalha
A Ordem em marcha
Continua a polícia, por indicação dos homens da Ordem, a prender operários, não cometerem o grave delito de estarem em greve, como se não tivessem o direito, que até pelas próprias leis lhes é reconhecido, de cruzarem os braços sempre que os seus sindicatos, no intuito de defenderem os interesses morais, materiais e profissionais das respectivas corporações, a tal os aconselhem.

Ontem, segundo informações que nos prestaram, foram presos os seguintes operários:
Vitor Garcia, fogueiros de mar e terra; Frederico dos Santos, José Cordoeiro, Serafim Coelho e António Nunes, pedreiros, que estão no calabouço n.º 5 do governo civil.

No calabouço n.º 8 encontram-se António Ferreira, carpinteiro; João Correia da Silva, pedreiro; António Barata, sapateiro e Augusto dos Santos Costa, metalúrgico.

Foi restituído à liberdade, o operário Paulo Dias, da construção civil.

— Participa-nos o amigo de A Batalha José Gomes Pereira que a polícia vem de fazer uma visita ao seu estabelecimento do Casal Ventoso, a qual Maria Pia, não para comprar qualquer suculenta ou trapaço, mas passando uma busca a todas as dependências do estabelecimento. Como a polícia não encontrasse a hidra, e para apresentar produção, levou preso um empregado do estabelecimento. Ela lá sabe porquê e para quê.

— No dia 23, foi preso na rua do Sol, sem que a tal tivesse dado motivo, o operário pedreiro, Vicente Maia de Carvalho.

— Já saiu do forte de Monsanto, o operário pintor António Oliveira Carvalho.

— Vai-se estendendo a todos os pontos do país, a horda governamental de prender o elemento operário, principalmente a sua parte mais activa.

Administradores de concelhos, regedores, etc., todos se prosternam perante a omnipotência baptista, acatando-lhe as ordens mais disparatadas, as violências mais odiosas.

Assim, acaba de ser preso em Almeirim o operário António Nunes Cunha. Interrogado o administrador de Alpiça, sobre o motivo da referida prisão, a sua resposta foi esta: «por ordem vinda de Lisboa», acrescentando que igualmente lá se preso um outro operário, Manuel Farroupo da Costa, por ter distribuído uns manifestos que levava desta cidade, sobre a greve da construção civil.

O mais interessante é que o referido administrador, ao ter conhecimento de que o operário rural de Alpiça, lá reinha para protestar contra as condições das prisões, declarou não permitir esse protesto, visto os presos não pertencerem à referida classe.

Regime puro, completo, da mordida!

ALMADA, 25. — Continuam a manifestar-se as perseguições aos elementos operários. O dia 23, foi preso, na rua do Sol, um operário, José Aires, que foi enviado para Lisboa, estando preparadas novas prisões de diversos camaradas, que se viram obrigados a abandonar o trabalho.

O que aqui se está passando, outra coisa não representa, senão o desejo de um administrador Pimenta, com o intuito de provocar a desordem, para mais à vontade poder pôr em prática novas e íntimas pressões contra os seus elementos mais activos.

O que dizemos ao sr. Pimenta, é que se lembre das fúrias do passado, que são bem de molde a justificar o velho adágio: «quem semeia ventos, colhe tempestades».

ALMADA, 25. — Continuam a manifestar-se as perseguições aos elementos operários. O dia 23, foi preso, na rua do Sol, um operário, José Aires, que foi enviado para Lisboa, estando preparadas novas prisões de diversos camaradas, que se viram obrigados a abandonar o trabalho.

O que aqui se está passando, outra coisa não representa, senão o desejo de um administrador Pimenta, com o intuito de provocar a desordem, para mais à vontade poder pôr em prática novas e íntimas pressões contra os seus elementos mais activos.

O que dizemos ao sr. Pimenta, é que se lembre das fúrias do passado, que são bem de molde a justificar o velho adágio: «quem semeia ventos, colhe tempestades».

ALMADA, 25. — Continuam a manifestar-se as perseguições aos elementos operários. O dia 23, foi preso, na rua do Sol, um operário, José Aires, que foi enviado para Lisboa, estando preparadas novas prisões de diversos camaradas, que se viram obrigados a abandonar o trabalho.

NICOLAU GOMES CORREA
Alfaiate-Mercador
Fornecimento de todos os Caminhos de Ferro Portugueses, do Sul e Sueste, da Caixa das Operações da Câmara Municipal de Lisboa e da Cooperativa da Fábrica de Material de Guerra.

ALFAIATE
Especialidade em fatos, sobrados, casacos, calças, alentejanas e modas limitadas.
casacos de senhora lá confeccionados, tudo pelos figurinos da moda.

255-Rua dos Fanqueiros-255

CANDEIAS
a Casa que em Lisboa vende calçado mais barato
INTENDENTE
Defronte do Chafariz

A. J. CONTENTE
33-Rua do Comércio-33
CAMBIOS, PAPEIS DE RÊDITO, coupons e moedas nacionais e estrangeiras, etc.

Nunes & Nunes, Limitada
CASA BANQUEIRA
RUA AUREA, 97 — LISBOA 74
Telefone C. 2108 — 2333
End. Teleg. — DONSUNES
Câmbios, papeis de crédito nacionais e estrangeiros, coupons, notas e moedas estrangeiras. Descontos e transações. Depósitos a ordem e a prazo.

Companhia Portuguesa de Fósforos
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Capital esc. 4.500.000\$00
Meza da Assembleia Geral
Não tendo podido reunir por falta de representação do capital suficiente, a Assembleia Geral ordinária desta Companhia convocada para hoje, é a mesma Assembleia convocada para o dia 19 de Abril p. f. pelas quatroze horas, no edifício do Banco de Portugal, a Açores, sendo a ordem do dia:

PREÇOS DE COMBATE
Sapatar a João Salgado Oliveira
Brevemente, grande saldo por preços muito baratos
60 — Rua Eugénio dos Santos — 64
Aproveitem um grande saldo de botas de vitela à americana — 2 mil pares a 18\$50

SIFILIS
Enfardadoiras, arame de enfardar, foices e gaduhas, locomotivas, motores, tijolo e barro refractario, serra fita e circular, cunhas, marretas, malhas e britadeiras, arames, chumbo em tubo, barra em chapa. Zinco em chapa. Barras e laminas para caldeiras. Estanho e metal anti-frio.

Aos melhores preços
Parafusos com porca, cantaria e outras ferragens e ferramentas. Maquinas de serrar, sem fim e circulares. Pás, picaretas, ancinhos, enxadas, carros de mão e para sacaria, agos.
Antonio Furtado dos Santos, Rios & C.
143, Rua da Boa-Vista, 150 — Tel. 1780-C.

COMPANHIA NACIONAL DE HAVO DEO
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Capital Escudos 9.000.000\$00
Serviços regulares entre a metrópole e as colónias africanas
FROTA DA COMPANHIA
MOCAMBIQUE, AFRICA, MOÇAMBIQUE, BEIRA, PORTUGAL, DONGO, MALANGE, LOANDA, ZAIRE, PENINSULAR, IBO e EXTREMADURA
PARA CARGA E PASSAGEIROS
Em LISBOA: Escritório da Companhia — Rua do Comércio, 85
No PORTO: Sucursal da Companhia — Rua da Nova Alfândega, 76, 1.º

Não deixes de cumprir o teu dever de escravidão salarial que quer ser homem livre, auxiliar a criação da CASA DOS TRABALHADORES